

DESAMPARO E DEVASTAÇÃO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UMA CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA

Priscila Roberta de Moura, Simone Bertalia Asaka, Lauro Take Tomo Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, pesquisa.moura23@gmail.com, simone.bertalia@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com.

Resumo

Nas últimas décadas, estudos em psicanálise têm investigado os fenômenos psíquicos que emergem nas relações do sujeito com o Outro e do excesso de gozo presente na clínica contemporânea, buscando articulá-los ao que Freud (1920/1996) conceituou como desamparo originário (*Hilfflosigkeit*) e ao fenômeno subjetivo da devastação (*Ravage*) proposto por Lacan e desenvolvido posteriormente por Miller, especialmente em relação ao aumento das psicopatologias do excesso na atualidade. O presente trabalho apresenta a experiência de estágio supervisionado em Psicanálise, realizado em uma Clínica Escola de Psicologia no interior do estado de São Paulo. A experiência contribuiu significativamente para a formação profissional ao possibilitar a construção de intervenções sensíveis e comprometidas com o cuidado singular, por meio do acolhimento e de uma escuta atenta e humanizada ressaltando a relevância de uma práxis ética, engajada e comprometida frente aos fenômenos psíquicos da clínica contemporânea.

Palavras-chave: Psicanálise. Desamparo. Devastação. Clínica Contemporânea.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

A clínica da psicanálise nas últimas décadas está sendo atravessada pelo crescente número de pacientes que apresentam algum sofrimento psíquico da ordem da ausência na elaboração simbólica, da repetição dos modos do gozo sem limites e pelo excesso pulsional. Para compreender tais fenômenos psíquicos de ordem complexa e multifacetada partiu-se da compreensão dos conceitos desamparo e devastação para a clínica contemporânea pela abordagem da psicanálise. A sociedade pós-moderna promove a cultura do individualismo e do espetáculo, por um lado, acenando com maiores possibilidades de realização ilimitada dos desejos, por outro, tornando as relações humanas e os vínculos efêmeros e vulneráveis (Baudrillard, 2000; Bauman, 2022; Birman, 2019; Cosenza, 2024; Debord, 1997; Forbes, 2012, 2014; Hall, 2005; Kehl, 2002). Partindo da concepção de que todo sujeito é um ser sócio-histórico e político no estar no mundo, sabemos que este ser no mundo está atravessado e transpassado pelo mal-estar que aflige a sociedade e o seu período histórico, social, cultural, econômico e político (Baudrillard, 2000; Bauman, 2022; Birman, 2019; Campos; Bocchi; Loffredo, 2021; Cosenza, 2024; Debord, 1997; Dunker, 2015; Figueiredo; Junior, 2018; Forbes, 2012, 2014; Freud, 1920/1996, 1929-1930/1996; Hall, 2005; Kehl, 2002).

O estágio supervisionado em psicanálise na Clínica-Escola de Psicologia configura-se como um espaço privilegiado para o diálogo e a integração entre a teoria e a prática clínica, pois contribui e promove o desenvolvimento e o aprimora o olhar clínico e a formação profissional dos alunos de psicologia na compreensão dos processos dos adoecimentos psíquicos do sujeito na contemporaneidade. A experiência de estágio supervisionado em psicanálise na Clínica-Escola possibilitou a observação da atuação do profissional de psicologia na oferta do cuidado integral e interseccional através do acolhimento e da escuta qualificada. A supervisão possibilitou um espaço para discussão crítica e reflexão sobre as possíveis intervenções psicoterapêuticas na clínica quanto à escuta humanizada e ao acolhimento, possibilitando assim a promoção do olhar das estagiárias para a

formação profissional, o aprofundamento teórico-metodológico e a elaboração das hipóteses diagnósticas e interpretativas para o aprimoramento da prática clínica pela abordagem da psicanálise aos usuários.

Metodologia

A metodologia do relato de experiência do estágio supervisionado na Clínica-Escola de Psicologia é qualitativa, com enfoque descritivo e analítico, voltada à discussão sobre a prática clínica e à investigação dos fenômenos psíquicos no sujeito contemporâneo. A coleta de dados foi realizada por meio da observação, da escuta, do acolhimento e das intervenções psicoterapêuticas no *setting* da clínica durante a relação paciente - estagiária analista no período de março a dezembro de 2024, totalizando 28 atendimentos semanais. A proposta metodológica privilegiou a relevância da intersecção entre teoria e prática, diante dos desafios e aprendizagens do campo do manejo clínico tendo sua fundamentação teórica-metodológica em autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller, Zygmunt Bauman, Guy Debord, Stuart Hall, Domenico Cosenza além de importantes leituras complementares da clínica contemporânea brasileira como Christian Dunker, Joel Birman, Jorge Forbes, Luís Cláudio Figueiredo, Maria Rita Kehl dentre outros autores que enriqueceram a discussão e a análise dos processos psíquicos observados durante o estágio na clínica e cujos conceitos ressaltam a importância da teoria do desamparo e da devastação na compreensão das dinâmicas dos fenômenos subjetivos e dos adoecimentos psíquicos da ordem do inclassificável na clínica contemporânea da psicanálise.

O relato de experiência na prática da pesquisa e do conhecimento científico exerce um papel fundamental ao promover ações que beneficiam tanto a área acadêmica quanto a sociedade em geral. Essa prática contribui para a melhoria das intervenções em diferentes campos, ao possibilitar a reflexão crítica e o aprimoramento das estratégias utilizadas. Dessa forma, dentre as contribuições do relato de experiência temos o fomento de futuras propostas de publicações científicas, fortalecendo assim o diálogo entre teoria e prática e estimulando avanços no conhecimento aplicado (Breakwell, *et al.*, 2010; Daltro; Faria, 2019; Minayo, 2014; Mussi; Flores, Almeida, 2021; Santos, 2002, 2004; Thiollent, 2011).

De acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021)

[...] o roteiro para elaboração de estudos da modalidade relato de experiência como construção de conhecimento, baseado em descrições informativa, referenciada, dialogada e crítica, colabora na compreensão dos elementos importantes nos RE, o que pode implicar na melhoria da formação acadêmica, ações laborais e campo das ciências (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p.72).

Discussão e Resultados

Para discutir e compreender os fenômenos psíquicos complexos e multifacetados que emergem na clínica contemporânea, foi proposto uma articulação entre dois conceitos fundamentais da clínica da psicanálise: o desamparo (*Hilflosigkeit*), formulado por Freud, e o fenômeno subjetivo devastação (*Ravage*) elaborado por Lacan, e posteriormente aprofundado por Miller (Freud, 1905/1996, 1920/1996, 1923/1996, 1929-1930/1996, 1937/1996; Lacan, 1958/1998, 1973/2003, 1972-1973/2008; Miller, 2001, 2012, 2015). Partiu-se da compreensão de como estes fenômenos psíquicos se manifestam nas relações do sujeito com o Outro e no excesso do modo de gozo. Embora ambos estejam ligados ao sofrimento psíquico que o sujeito apresenta no *setting* clínico, trata-se de formas distintas, tanto em sua origem quanto em suas manifestações subjetivas. A condição de desamparo e o fenômeno subjetivo da devastação apresentam diferenças estruturais em sua conceituação; contudo, observa-se uma interconexão entre eles na clínica, a qual oferece importantes possibilidades de leitura psicanalítica para sustentar intervenções frente aos novos modos de sofrimento e mal-estar que atravessam o sujeito contemporâneo (Birman, 2019; Cosenza, 2024; Dunker, 2015; Figueiredo; Junior, 2018; Forbes, 2012, 2014; Kehl, 2002).

Segundo Freud (1920/1996), o desamparo é uma condição estrutural do psiquismo humano. Refere-se à experiência primária de impotência diante da excitação pulsional que excede a capacidade do aparelho psíquico de responder ou simbolizar. Essa ruptura da barreira de proteção psíquica marca o sujeito com uma vulnerabilidade constitutiva, pois a satisfação depende de um Outro que, nem sempre,

responde ou estará à disposição. Tal experiência funda a necessidade da relação com o Outro e deixa traços profundos e duradouros na constituição psíquica. O desamparo, portanto, é algo universal e sempre retornará na clínica como traço daquilo que não pôde ser simbolizado ou elaborado na experiência originária (Campos; Bocchi; Loffredo, 2021; Figueiredo; Junior, 2018; Kehl, 2002).

Quando busca-se compreender o conceito de devastação (*Ravage*) em Lacan (1973/2003, 1972-1973/2008), e posteriormente em Miller, é possível reconhecê-lo como uma manifestação subjetiva de ordem clínica, distinta de uma condição estrutural e universal como a condição do desamparo. A devastação emerge como efeito do encontro com o gozo do Outro, particularmente o gozo materno, que invade o sujeito de forma destrutiva, anulando sua posição de sujeito desejante. A devastação não diz respeito apenas de uma carência de amor, mas sim de uma perda radical de referência simbólica, uma aniquilação subjetiva que se evidencia em determinadas configurações clínicas como na melancolia, nos estados-limite e nas patologias narcísicas. Miller (2001, 2012) aponta que, na devastação o sujeito não apenas sofre, mas é subjetivamente destruído e despossuído de sua capacidade de desejar.

Conforme Lacan (1972-1973/2008), a devastação pode ser entendida como repetição da ligação primordial com a mãe, onde o amor sem limites se transfere para vínculos amorosos na vida adulta, muitas vezes marcados por destruição e caos psíquico. A devastação ocorre quando o sujeito, na tentativa de tamponar a falta do Outro, se posiciona como objeto, buscando ao mesmo tempo cobrir sua própria falta, o que acaba por intensificar o seu sofrimento (Lacan, 1958/1998; 1973/2003, 1972-1973/2008; Miller, 2001, 2012, 2015). Originalmente associado às mulheres, o termo devastação se amplia como resposta subjetiva ao colapso da linguagem diante da angústia e da perda, para expressar o gozo sem limites e o esvaziamento subjetivo e existencial causados pelo excesso pulsional no sujeito (Drummond *et al.*, 2006; Drummond, 2011; Faria; Starling, 2019; Ferreira; Luchina, 2020; Forbes, 2012, 2014; Rangel, 2016; Samico, 2012; Santos, 2002, 2004, 2008; Silva, 2008; Souza; Vidal, 2017).

Em Freud (1905/1996, 1920/1996, 1923/1996), encontramos a advertência sobre os efeitos duradouros das relações primárias do bebê com a figura materna, especialmente na formação das escolhas amorosas já na vida adulta. Silva (2008) afirma que a devastação resulta de uma demanda ilimitada de amor, gerando sofrimento intenso, colapso simbólico e manifestações somáticas, quando o sofrimento psíquico não encontra elaboração e simbolização possível da vivência traumática. Portanto, o conceito lacaniano revela a fragilidade dos laços sociais e amorosos diante das vivências que são impossíveis de serem simbolizadas e elaboradas pelo sujeito (Drummond *et al.*, 2006; Drummond, 2011; Faria; Starling, 2019; Ferreira; Luchina, 2020; Forbes, 2012, 2014; Rangel, 2016; Samico, 2012; Santos, 2002, 2004, 2008; Silva, 2008; Souza; Vidal, 2017).

A devastação para a psicanálise é de grande relevância para se compreender os novos modos de sofrimento psíquico da ordem do inclassificável que surgem na clínica, especialmente quando falamos do excesso pulsional pelo gozo ilimitado e da impossibilidade de simbolização e elaboração das vivências traumáticas. O conceito lacaniano descreve um tipo de sofrimento psíquico que surge quando o sujeito se depara com o Real que seria algo do impossível de ser simbolizado (Cosenza, 2024; Forbes, 2012, 2014; Lacan, 1958/1998; 1973/2003, 1972-1973/2008; Miller, 2001, 2012, 2015). Logo, o profissional durante a escuta no *setting* clínico evidencia a dificuldade do sujeito em lidar com um gozo não mediado, que o invade de forma avassaladora, deixando-o desprovido dos recursos simbólicos necessários à elaboração da experiência que lhe causa frustração e sofrimento (Cosenza, 2024; Forbes, 2012, 2014; Lacan, 1958/1998; 1973/2003, 1972-1973/2008; Miller, 2001, 2012, 2015).

A interconexão do conceito de desamparo e da devastação ganha novos contornos na clínica psicanalítica contemporânea quando colocados em diálogo com a sociedade pós-moderna (Birman, 2019; Cosenza, 2024; Dunker, 2015; Figueiredo; Junior, 2018; Forbes, 2012, 2014; Kehl, 2002). Em uma era marcada pela lógica do consumo, do espetáculo, das fragilidades do eu e do esvaziamento dos laços sociais os sujeitos são constantemente atravessados por ideais do excesso pulsional, do gozo ilimitado e da autossuficiência narcísica. No entanto, esse mesmo contexto social promove vínculos frágeis e superficiais nas relações sociais, tornando o Outro, de quem o sujeito depende para elaborar o desamparo, cada vez mais ausente ou indiferente (Baudrillard, 2000; Bauman, 2022; Birman, 2019; Cosenza, 2024; Debord, 1997; Dunker, 2018; Forbes, 2012, 2014; Hall, 2005; Kehl, 2002). Essa dinâmica cultural, intensifica os efeitos subjetivos de devastação, pois o sujeito se vê diante de exigências cada vez mais massivas de gozo sem a possibilidade de elaboração e sustentação simbólica.

Estudos alertam que o eu, sob o comando da sociedade do consumo e do imperativo de felicidade e da realização, é atormentado pelo excesso pulsional, pelas formas de gozar sem limites e pela frustração constante de não conseguir corresponder às promessas do mercado e da imagem que lhe são impostas (Baudrillard, 2000; Bauman, 2022; Birman, 2019; Cosenza, 2024; Debord, 1997; Dunker, 2015; Forbes, 2012, 2014; Hall, 2005; Kehl, 2002). Diante deste cenário do excesso pulsional, a devastação deixa de ser um fenômeno clínico isolado e passa a se apresentar como uma marca subjetiva disseminada na cultura, agravando o mal-estar do sujeito. Como sujeitos sócio-históricos, culturais, econômicos e políticos estamos atravessados pelos discursos de poder de nossa época, marcados pela aceleração do tempo, pela precariedade das relações sociais e pela mercantilização da existência humana. Portanto, a clínica psicanalítica se vê desafiada a aprimorar sua escuta diante dessas novas formas de sofrimento que emergem da articulação entre estruturas subjetivas e impasses sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos (Bauman, 2022; Birman, 2019; Cosenza, 2024; Debord, 1997; Dunker, 2015; Forbes, 2012, 2014; Kehl, 2002).

Diante deste cenário, a psicanálise é convocada a ofertar uma escuta ética, sensível e qualificada voltada à singularidade do sujeito e à complexidade da condição de desamparo, do desejo e do gozo na relação com o Outro. A atuação do profissional de psicologia na clínica exige, cada vez mais, uma ética comprometida diante da necessidade de novas leituras e intervenções frente a uma subjetividade em constante transformação. Isso convoca o psicólogo e o analista a um lugar para o cuidado humanizado diante dos modos de sofrimento psíquico e mal-estar dos sujeitos contemporâneos. Logo, a escuta qualificada das manifestações de desamparo e devastação na clínica contemporânea demanda do psicólogo a capacidade de escuta e acolhimento destes sofrimentos que escapam aos modelos clássicos das neuroses (Birman, 2019; Campos; Bocchi; Loffredo, 2021; Cosenza, 2024; Dunker, 2015; Figueiredo; Junior, 2018; Forbes, 2012, 2014; Kehl, 2002).

Conclusão

Diante do mal-estar contemporâneo e das transformações sociais, culturais e econômicas que atravessam a subjetividade, a psicanálise demanda uma constante reinvenção de sua prática e da função do analista. A clínica contemporânea se configura pela desorganização simbólica, desamparo, abandono afetivo, excesso pulsional e esvaziamento das referências de autoridade. No contexto do estágio supervisionado, foi possível constatar a relevância de um compromisso ético que não se funda no discurso biomédico, mas sim na implicação e responsabilização do sujeito frente ao Real. O sofrimento do sujeito contemporâneo se manifesta menos pela repressão e mais pelo gozo ilimitado, pela ausência de mediações simbólicas e pelo imperativo de satisfação. Nessa perspectiva, os conceitos de desamparo e devastação tornam-se operadores clínicos centrais na escuta e na construção de novas formas de subjetivação.

Portanto, a experiência de estágio supervisionado na Clínica-Escola, orientada pela abordagem psicanalítica, possibilitou o desenvolvimento de um olhar clínico e ético nas estagiárias, permitindo um contato direto com a complexidade dos fenômenos psíquicos contemporâneos. A articulação entre teoria e prática, mediada pelos momentos da supervisão, contribuíram significativamente para a formulação de intervenções humanizadas e fundamentadas na singularidade de cada sujeito. A prática psicanalítica mostrou-se eficaz tanto na compreensão do sofrimento psíquico quanto na construção de um cuidado singularizado, centrado na ética do desejo e na escuta transferencial. Nesse sentido, o estágio foi essencial não apenas para o aprimoramento técnico, mas também para a formação de uma postura clínica acolhedora, ética e comprometida com a subjetividade do outro.

Referências

- BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologia de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2016.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Ed. 70, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2022.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BREAKWELL, Glynis M. *et al.* **Métodos de pesquisa em psicologia**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CAMPOS, Érico Bruno Viana; BOCCHI, Josiane Cristina; LOFFREDO, Ana Maria. **Psicanálise em face ao desamparo e seus destinos**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

COSENZA, Domenico. **Clínica do excesso: Derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea**. Belo Horizonte: Scriptum, 2024.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DRUMMOND, Cristina *et al.* Devastação, outra face da angústia. **Opção Lacaniana**, n. 45, p.44-47, maio 2006.

DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção Lacaniana Online**, ano 2, n.6, p. 1-14, nov. 2011.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FARIA, Erika Vidal de; STARLING, Dannielle Rezende. Devastação feminina: o que pode uma análise? **Stylus**, n. 38, p. 155-164, jun. 2019.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise**. São Paulo: Blucher, 2018.

FERREIRA, Andréa Eulálio de Paula; LUCHINA, Márcia Maria Rosa Vieira. A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 228-245, abr. 2020.

FORBES, Jorge. **Inconsciente e responsabilidade: clínica psicanalítica do século XXI**. São Paulo: Manole, 2012.

FORBES, Jorge. **Psicanálise - A Clínica do Real**. São Paulo: Manole, 2014.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1929-1930/1996.

FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1937/1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958/1998, p. 591-652.

LACAN, Jacques. O Aturdido. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973/2003, p. 448- 497.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972–1973/2008.

KEHL, Maria Rita. O homem moderno, o desamparo e um apelo a uma nova ética. In: KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 39-75.

MILLER, Jacques-Alain. A clínica do real. **Conferência proferida no IX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano**, Belo Horizonte, 2001.

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana Online**, ano 3, n.7, 2012.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise: + O inconsciente e o corpo falante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021.

RANGEL, Maria Luiza. Devastação, o que há de novo? **Opção Lacaniana Online**, ano 7, n.21, nov. 2016.

SAMICO, Fernanda Cabral. A Clínica das Mulheres: Erotomania e Devastação. **Mosaico: Revista Multidisciplinar de Humanidades**, v. 3, n. 1, p. 5-14, jan./jun., 2012.

SANTOS, Tania Coelho dos. O Analista Como Parceiro Dos Sintomas Inclassificáveis. **Latusa: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, n. 7, p. 153-68, 2002.

SANTOS, Tania Coelho dos. O que não tem remédio, remediado está! **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, ano VII, n. 1, mar. 2004.

SILVA, Aline Miranda da. A devastação e o feminino. **Psychê: Revista de Psicanálise**, Ano XII, n. 22, p. 27-34, jan-jun/2008.

SOUZA, Danuza Effegem de; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. Devastação: entre mal-estar e sintoma, o sofrimento relacionado ao feminino irrepresentável. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 3, p. 130-142, dez 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez; 2011.

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e à contribuição de diversas pessoas e supervisores que acompanharam este percurso formativo e científico das estagiárias do Curso de Graduação em Psicologia. Agradecemos o apoio da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) na figura da Equipe da Clínica Escola do Curso de Psicologia (SEPA), pela disponibilidade, pelo acolhimento, pelo acompanhamento dos agendamentos, pelo compromisso e pelas ricas trocas de experiências e práticas no campo da clínica possibilitando uma vivência enriquecedora e transformadora no período do estágio supervisionado. Expressamos nossa imensa gratidão a pessoa do Professor Supervisor em Psicanálise Lauro Take Tomo Veloso, pela orientação teórico-metodológica, disponibilidade, cooperação, acompanhamento, escuta humana e sensível e pela atenção, apoio e parceria ao longo do processo do estágio e da supervisão. Tais ações foram fundamentais para cultivar nas alunas estagiárias um olhar crítico e social para o aprimoramento e o amadurecimento na formação profissional contribuindo significativamente para a construção e realização deste relato de experiência.

Por fim, agradecemos a todas as pessoas que participaram ao longo dos meses de março a dezembro de 2024, direta ou indiretamente, pois durante a caminhada de formação as histórias e singularidades de todos ampliaram a nossa compreensão sobre a práxis humanizada da psicologia na clínica pela abordagem em Psicanálise na Clínica-Escola de Psicologia na Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).